

Quando o sustento vem das florestas

Como as florestas naturais precisam ser preservadas, investimento em plantios de espécies com crescimento rápido garante a madeira como matéria-prima

DENISE ZANDONADI E RITA BRIDI

Do total da madeira consumida no Brasil, 74% se originam das florestas naturais e 26% são extraídas das florestas plantadas. Das florestas plantadas, metade (50%) é destinada para atender à demanda do consumo de lenha, 35% para carvão, 9% para outros produtos e 6% para produção de celulose. A Finlândia tem 60% de sua área ocupada por florestas plantadas, que respondem por 50% do Produto Interno Bruto (PIB) do país.

O mercado alimentado por produtos gerados a partir de florestas plantadas movimenta anualmente algo em torno de US\$ 150 bilhões. Dados da Organização das Nações Unidas (FAO/ONU), divulgados

no ano passado, indicam que o consumo mundial de madeira, em 1998, ultrapassou a casa dos 3,2 bilhões de toneladas. E a demanda é crescente.

O Brasil tem apenas 0,7% de sua área ocupada por florestas plantadas. Um percentual bem inferior ao de países como Estados Unidos (21%), Canadá (28%), Áustria (40%) e Suécia (58%). Com a necessidade de preservação das florestas nativas e o consumo

crecente da utilização de madeira, a saída são os plantios florestais com espécies de crescimento rápido, segundo dirigentes de empresas e entidades.

Alternativa

No Espírito Santo, a alternativa encontrada para os que têm a madeira como matéria-prima para seus negócios foi o eucalipto, uma árvore de uso múltiplo. O gerente Florestal

da Aracruz Celulose, Tadeu Mussi de Andrade, explica que no Estado nenhuma outra espécie de madeira tem desenvolvimento mais rápido do que o eucalipto, que pode ser comercializado após sete anos de plantado.

A escassez de madeira retirada das florestas nativas para o consumo de lenha, de carvão, produção de móveis e para atender às necessidades da construção civil e a

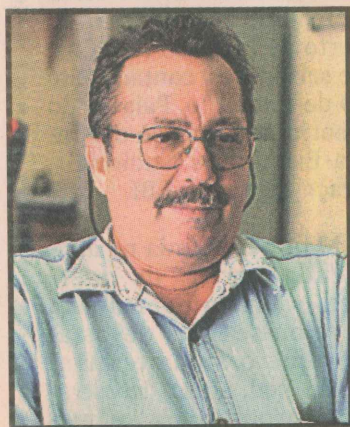
demanda nas propriedades rurais precisa ser compensada com as florestas plantadas, ressalta Tadeu Mussi.

Com as fontes naturais se esgotando a cada dia e com o aumento da demanda de madeira e a necessidade de diversificação rural, os produtores precisam garantir o fornecimento de matéria-prima. A garantia vem da plantação de florestas, de preferência com espécies que garantam retorno

financeiro, lembra o presidente da Faes, Nyder Barbosa.

Em alguns municípios, como Santa Teresa, mais de 2,5 mil pessoas trabalham diretamente com eucalipto, desde o plantio até o uso final, conforme informação do presidente do Sindicato Rural Patronal do município, Júlio Magevski.

Podendo obter R\$ 20,00 por metro cúbico da madeira, muitos produtores contam com esta renda para superar momentos de crise, como o do preço do café, um dos mais baixos na história do produto. "A cultura do eucalipto no Estado é irreversível e deve ser implantada com orientação, para ocupar áreas improdutivas ou degradadas", acredita Magevski.



Evaristo Borges

Júlio Magevski diz que eucalipto garante empregos

Trabalhador quer plantio desconcentrado

A concentração de florestas de eucalipto em determinadas regiões do Estado tira o emprego dos trabalhadores e contribui para o êxodo rural. A avaliação é do presidente da Federação dos Trabalhadores

Os números do eucalipto

O eucalipto já é uma atividade econômica de peso no Estado. Além de alimentar a indústria de celulose é a matéria-prima básica para a produção de móveis, caixotes, perfis de madeira, casas e carvão, além de fonte de geração de calor para a produção de cerâmicas.

Uso industrial



A madeira do eucalipto já é largamente utilizada na produção de caixas para armazenar produtos hortifrutigranjeiros, para produção de taipa, e para produção de móveis.



Os resíduos resultantes do preparo da madeira, como a casca da árvore e o pó obtido com a serragem das toras são utilizados para queima e produção de calor para cerâmicas e olarias. Os resíduos do eucalipto são utilizados para a produção de toras de lenha e de carvão.



As toras são destinadas ao uso emlareiras, fornos (pizzarias e padarias) e fogões.



O carvão é destinado ao uso em churrasqueiras.

Impacto econômico

As áreas fomentadas, em 1999, produziram 533 mil m3 de madeira vendida para a produção de celulose, gerando R\$ 10,8 milhões para os produtores. Em 2000 foram 672 mil m3 de madeira e renda de R\$ 15,3 milhões. Para este ano a projeção é de 665 mil m3 de madeira e R\$ 18,1 milhões de renda para os produtores.

Empregos

CAFÉ	1000 ha	140
EUCALIPTO	1000 ha	50
PECUÁRIA	1000 ha	7

Renda anual

CAFÉ	1 ha	R\$ 316
EUCALIPTO	1 ha	R\$ 200
PECUÁRIA	1 ha	R\$ 45

Fomento florestal

A parceria dos produtores com a Aracruz Celulose (fomento florestal) foi iniciada em 1990. No Espírito Santo o fomento é implementado em 58 municípios, envolvendo 1.763 produtores rurais com área plantada de 22.280 hectares.



Claudney Pessoa

Tadeu Mussi enaltece a 'velocidade' de crescimento

Reunião para programar o mapeamento

Na próxima semana, o secretário estadual de Agricultura, Marcelino Fraga, deverá se reunir com os diretores e técnicos do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf) e do Ins-

Júlio Magevski diz que eucalipto garante empregos

Trabalhador quer plantio desconcentrado

A concentração de florestas de eucalipto em determinadas regiões do Estado tira o emprego dos trabalhadores e contribui para o êxodo rural. A avaliação é do presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Espírito Santo (Fetaes), Paulo Carallo. Ele ressalta que a Aracruz Celulose pode ser boa para o Espírito Santo, mas concentra renda nas mãos de poucos.

É por esta razão que a entidade apoiou todo o processo que culminou com a aprovação da lei que proíbe novos plantios de eucalipto para fins de produção de celulose. Carallo destacou que 15 hectares de eucalipto geram um emprego direto, enquanto que a mesma área utilizada para culturas diversificadas, no sistema de agricultura familiar, garante 33 empregos.

Proibição

Com a proibição de plantar novas áreas com eucalipto para a produção de celulose, os produtores não podem firmar parceria com a Aracruz para garantir o fornecimento de mudas e insumos. O presidente da Fetaes, no entanto, destaca que o Incaper dispõe de mudas para fornecer aos produtores interessados em plantios para consumo próprio da madeira.

A entidade quer participar também do processo de elaboração do mapeamento agroecológico. Para definir como será a participação dos representantes dos agricultores familiares, os produtores realizarão um seminário em Vitória, no próximo dia 21.

Os trabalhadores na agricultura, destacou Carallo, não querem que o levantamento seja feito apenas para definir em quais áreas poderão ser feitas novas plantações de eucalipto. A reivindicação é que o mapeamento indique, em todos os municípios, o melhor uso de todas as terras para que os proprietários plantem as culturas adequadas.

Resíduos viram lenha e carvão

Os resíduos (cavacos e galhos com diâmetro inferior a 7 centímetros) que ficam abandonados nas áreas de onde são retiradas os troncos de eucalipto, se submetidos a um processo especial de secagem, transformam-se em toras de lenha de alta combustão para utilização em lareiras, fornos e fogões e em carvão para utilização, principalmente, em churrasqueiras.

A reutilização dos resíduos está criando novos negócios no Estado. Uma das empresas que está atuando

neste ramo é a Bio-Energy Company do Brasil, instalada em São Mateus, em 1996, e que demandou investimento de cerca de R\$ 7 milhões. A produção da empresa é destinada ao mercado externo.

Para suas atividades, a Bio-Energy vai gerar 100 empregos diretos e cerca de 250 indiretos. Pela utilização dos resíduos das florestas naturais, a empresa não vai gastar dinheiro, mas o produto gerado tem alto valor agregado. O preço médio de uma tonelada de toras produzi-

das com resíduos de floresta é de R\$ 500,00 informa um dos sócios da Bio-Energy, Gilmar Braga Gonçalves da Silva.

Geração

Cada hectare de floresta de eucalipto gera aproximadamente 20 toneladas de resíduos. A Bio-Energy tem capacidade para a produção mensal de 2,7 mil toneladas de toras, demandando cerca de 12 mil toneladas mensais de resíduos. Para atingir esta meta, serão necessárias três

máquinas de secagem.

Nos próximos 15 dias entrará em funcionamento o forno de aço para a produção de carvão homogêneo para churrasqueira. O forno desenvolvido pela Universidade de Viçosa (MG) tem capacidade para produção diária de 1,5 tonelada de carvão. A empresa tem potencial para a produção diária de até 15 toneladas, informa Gilmar Braga. O mercado tem grande potencial e a empresa está se preparando para isso, destaca.

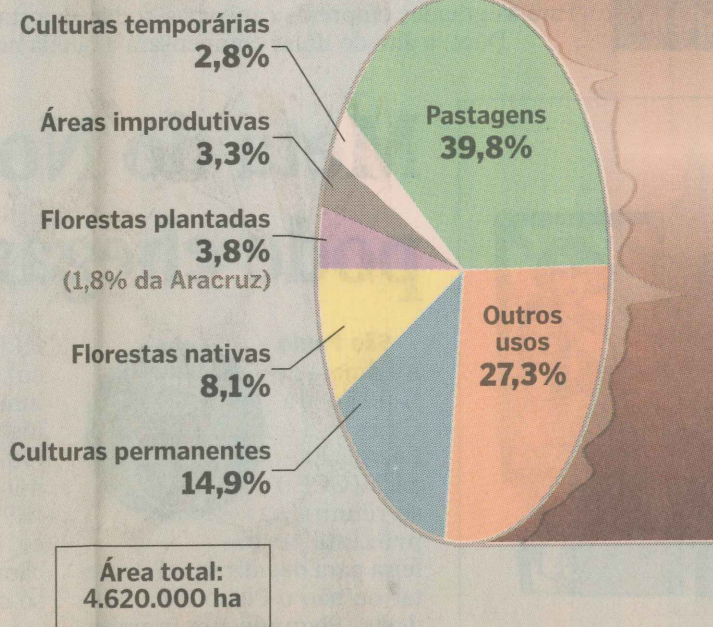


Fomento florestal

A parceria dos produtores com a Aracruz Celulose (fomento florestal) foi iniciada em 1990. No Espírito Santo o fomento é implementado em 58 municípios, envolvendo 1.763 produtores rurais com área plantada de 22.280 hectares.



Uso da terra no Espírito Santo



A Gazeta Ed. de Arte

Reunião para programar o mapeamento

Na próxima semana, o secretário estadual de Agricultura, Marcelino Fraga, deverá se reunir com os diretores e técnicos do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf) e do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) para discutir a realização do mapeamento agroecológico do Estado.

O diretor-presidente do Idaf, Francisco Forza, explicou que o trabalho pode ser iniciado porque a lei, que determina que seja feito o mapeamento do Estado, promulgada pelo presidente da Assembléia Legislativa, José Carlos Gratz, já foi publicada.

A lei 6.780/001, proíbe o plantio de eucalipto para a produção de celulose até que seja feito o mapeamento agroecológico. O levantamento indicará as áreas que poderão ser utilizadas para a plantação de eucalipto. Na avaliação de Forza, serão necessários cerca de seis meses para a conclusão do levantamento.

Apoio

O presidente da Federação da Agricultura no Espírito Santo (Faes), Nyder Barbosa de Menezes, disse que a entidade está disposta a colaborar com a Seag na realização do mapeamento agroecológico. A área técnica da Faes tem condições de participar do levantamento, explicou.

Nyder disse que os produtores estão insatisfeitos com a proibição de plantar eucalipto, principalmente pelo fato de a lei ter sido aprovada no período em que o café está com preços muito baixos, quando eles precisam de uma fonte alternativa de renda.

“A decisão da Assembléia Legislativa foi mais política do que técnica”, destaca o presidente da Faes. Ele disse que os parlamentares ouviram a voz daqueles que não têm vínculo com o campo e se esqueceram dos produtores.